

# Problematizando gênero a partir da arte: ações educativas para o combate a discriminações e violências contra mulheres

Problematizing gender through art: educational actions to combat discriminations and violences against women

Problematizar el género a través del arte: acciones educativas para combatir las discriminaciones y las violencias contra las mujeres

**Jocy Meneses dos Santos Junior<sup>1</sup>**

**Jarlisse Nina Beserra da Silva<sup>2</sup>**

---

<sup>1</sup> Mestrando em Arte e Cultura Visual (PPGACV/UFG). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1046601120345232>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6292-9953>. E-mail: [jocyjunior@discente.ufg.br](mailto:jocyjunior@discente.ufg.br)

<sup>2</sup> Mestranda em Educação Inclusiva (PROFEI/UEMA). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6952994151335165>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8629-5855>. E-mail: [jarlisse@hotmail.com](mailto:jarlisse@hotmail.com)

## **RESUMO**

As mulheres são vitimadas por inúmeras discriminações e violências em nossa sociedade. Desse modo, é imprescindível a construção de estratégias de sensibilização a respeito desses problemas, as quais podem contribuir para a transformação de mentalidade necessária ao efetivo enfrentamento deles. A partir da problematização da arte e de sua história, delineamos e executamos ações educativas com a intenção de estimular uma postura reflexiva e crítica acerca das relações de gênero e incentivar o repúdio e o combate às discriminações e violências contra mulheres. A concepção dessas ações buscou elucidar, a partir da discussão sobre obras, artistas e o sistema da arte de modo geral, que práticas discriminatórias e violentas embasadas no gênero foram tanto banalizadas e reforçadas quanto expostas e combatidas por meio da arte no curso da história. Os relatos de participantes evidenciam que as problematizações propostas despertaram novos modos de ver, fomentando importantes reflexões e discussões a respeito das discriminações e violências sofridas por mulheres, dentro e fora do campo da arte.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Arte; Educação; Gênero; Discriminação; Violência.

## **ABSTRACT**

Women are victims of numerous forms of discrimination and violence in our society. Therefore, it is imperative to develop strategies to sensitize about these problems, which can contribute to the transformation of mentality necessary to effectively face them. Based on the problematization of art and its history, we have outlined and carried out educational actions with the following purposes: to stimulate a reflexive and critical attitude about gender relations and to encourage the opposition and the fight against discrimination and violence against women. These actions were conceived in order to elucidate, from the discussion about works, artists and the art system, that discriminatory and violent practices based on gender have been trivialized and reinforced, but also exposed and fought through art over the course of history. The statements of the participants show that the proposed problematizations have aroused new ways of seeing, fostering important reflections and discussions about the discrimination and violence suffered by women, inside and outside the field of art.

## **KEYWORDS**

Art; Education; Gender; Discrimination; Violence.

## **RESUMEN**

Las mujeres son víctimas de numerosas discriminaciones y violencias en nuestra sociedad. Por lo tanto, es esencial construir estrategias para sensibilizar sobre estos problemas, que pueden contribuir a la transformación de la mentalidad necesaria para afrontarlos de manera efectiva. Desde la problematización del arte y su historia, esbozamos y ejecutamos acciones educativas con los siguientes propósitos: estimular una postura reflexiva y crítica sobre las relaciones de género y fomentar el repudio y la lucha contra las discriminaciones y las violencias contra las mujeres. Estas acciones fueron concebidas con el fin de dilucidar, a partir de la discusión sobre las obras, los artistas y el sistema del arte en general, que las prácticas discriminatorias y violentas por razón de género fueron trivializadas y reforzadas, pero también expuestas y combatidas a través del arte a lo largo de la historia. Los informes de participantes muestran que las problematizaciones propuestas han despertado nuevas formas de ver, fomentando importantes reflexiones y discusiones sobre las discriminaciones y las violencias que sufren las mujeres, dentro y fuera del campo del arte.

## **PALABRAS CLAVE**

Arte; Educación; Género; Discriminación; Violencia.

## INTRODUÇÃO

Ao se tornar signatário, em 1984<sup>1</sup>, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher, o Brasil assumiu, dentre outras obrigações, a de adotar todas as medidas apropriadas para alcançar a “eliminação de todo conceito estereotipado dos papéis masculino e feminino em todos os níveis e em todas as formas de ensino” (BRASIL, 1984, p. 4020). Outro compromisso assumido internacionalmente pelo país, em 1996, através da ratificação da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, foi o de adotar medidas – dentre as quais “a formulação de programas formais e não formais adequados a todos os níveis do processo educacional” – visando “combater preconceitos e [...] todas as outras práticas baseadas na premissa da inferioridade ou superioridade de qualquer dos gêneros ou nos papéis estereotipados para o homem e a mulher, que legitimem ou exacerbem a violência contra a mulher” (BRASIL, 1996, p. 14471). Desse modo, o Estado brasileiro assumiu o compromisso de “promover e apoiar programas de educação governamentais e privados, destinados a conscientizar o público para os problemas da violência contra a mulher” (BRASIL, 1996, p. 14471). A partir da promulgação da Lei nº 11.340/2006 – batizada “Lei Maria da Penha” –, estão as esferas de governo e as entidades não-governamentais instadas a executar, por meio de um conjunto de ações articuladas, tanto “a promoção e a realização de campanhas educativas de prevenção da violência doméstica e familiar contra a mulher, voltadas ao público escolar e à sociedade em geral”, quanto “a promoção de programas educacionais que disseminem valores éticos de irrestrito respeito à dignidade da pessoa humana com a perspectiva de gênero e de raça ou etnia” (BRASIL, 2006, p. 2).

Compreendendo que a legislação vigente preconiza o desenvolvimento de trabalhos em diversas frentes que proponham o enfrentamento às discriminações e violências que vitimam as mulheres brasileiras, o compromisso com a prevenção destas problemáticas nela proposto atribui importante papel à educação. Nesse sentido, é de suma importância o engajamento tanto das entidades escolares quanto das demais organizações da sociedade civil na promoção de ações educativas concernentes às questões de gênero. Ao passo que esses documentos legais requerem que a oferta dessas ações alcance não somente os estudantes vinculados às redes de ensino, mas também a sociedade como um todo, verifica-se a necessidade de planejar e executar atividades (in)formativas acerca dessas questões em espaços formais e não-formais de educação. Entretanto, em uma conjuntura social e política marcada pelo conservadorismo, o desenvolvimento de projetos educativos sobre a temática vem sendo prejudicado. Isso se torna ainda mais preocupante tendo em vista os altos

---

1 O Decreto nº 89.460/1984, que promulgou a Convenção Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher, trazia algumas ressalvas ao seu texto, dentre as quais não consta o trecho citado (BRASIL, 1984). Este instrumento legal foi revogado através do Decreto nº 4.377/ 2002, por meio do qual tais ressalvas foram eliminadas (BRASIL, 2002).

índices de violências embasadas no gênero praticadas em território brasileiro<sup>2</sup>.

A discussão sobre o caso do campo artístico possibilita a proposição de ações educativas que, por meio da instrumentalização de suas imagens, práticas e discursos considerando os atravessamentos das questões de gênero, contribua para instigar reflexões sobre as discriminações e violências que vitimam mulheres.

O gênero é uma construção social, a partir da qual são elaboradas feminilidades e masculinidades “apropriadas”, impostas normativamente aos sujeitos através de diversas instituições e práticas sociais. Para Scott (2019, p. 67), o gênero é um “modo de dar significado às relações de poder”. Essas relações são instituídas, legitimadas e mantidas por uma complexa rede discursiva que aparta e hierarquiza indivíduos, da qual a arte faz parte. Desse modo, são idealizadas e (re)produzidas socialmente uma masculinidade “superior”, “potente” e “violenta” e uma feminilidade “inferior”, “inábil” e “resignada”, cujos reflexos podem ser percebidos tanto nas obras de arte quanto nas dinâmicas que se estabelecem dentro do campo artístico. Assim, a problematização da arte oferece valiosas contribuições para a construção de estratégias que visem provocar o despertar de novos olhares acerca de ideias, normas e comportamentos problemáticos que permearam a história ocidental, promovendo discriminações e violências pautadas no gênero.

Desse modo, delineamos ações educativas, que culminaram de pesquisas considerando as assimetrias e violências embasadas no gênero no contexto da arte. Essas ações (aulas, palestras, minicursos e oficinas) foram executadas em treze oportunidades<sup>3</sup> nos anos de 2020 e 2021, dentro da programação de atividades de caráter extensionista. A discussão sobre a concepção dessas atividades e as reflexões que delas emergem formam a base desse escrito.

## **A ARTE COMO RECURSO PARA ESTIMULAR UM PENSAR CRÍTICO A RESPEITO DO GÊNERO E DA VIOLÊNCIA**

---

2 No ano de 2020, segundo Anastasia Divinskaya (2021, n.p.), representante da ONU Mulheres no Brasil, “17 milhões de mulheres brasileiras foram vítimas de algum tipo de violência, seja ela física, psicológica ou sexual”.

3 As ações desenvolvidas que discutimos nesse escrito foram o minicurso “Violência contra a mulher: reflexões a partir da arte” (I Seminário Online do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre interseccionalidades, Diferenças Socioculturais e Direitos Humanos – IFMA); o minicurso “Apontamentos sobre arte, gênero e violência” (I Festival Virtual de Arte e Cultura – IF Sertão-PE); o minicurso “Olhares gendrados sobre as artes visuais: reflexões sobre estereótipos e violências” (I Colóquio de Arte, Mídia e Educação – IFMA); a aula “Reflexões sobre arte, gênero e violência” (Curso de extensão Diálogos sobre gênero e sexualidade, pelo fim da violência – UFPB); a palestra “Contribuições da arte, da mídia e da educação para o enfrentamento à violência de gênero em tempos pandêmicos” (I Encontro Regional da Federação de Arte-Educadores do Brasil / Região Nordeste – FAEB); a oficina “É preciso refletir para resistir! Gênero e violência no contexto das artes visuais” (Semana de Artes Visuais.exe – UFPE); a palestra “A mulher dentro (e fora) do sistema artístico: problematizando gênero na arte e em sua história” (I Ciclo de Palestras em História e Literatura do Grupo de Estudos Polifonia – UFMA); a palestra “Construções e desconstruções de gênero na arte: estereótipos, violências e resistências” (Simpósio Problematizando Olhares Coniventes: Gênero e Violência na Arte e na Mídia – IFMA); a aula “Reflexões sobre arte, gênero e violência” (Curso de extensão Formação docente pelo fim da violência contra as mulheres – UFPB); a oficina “Problematizando gênero: reflexões sobre a discriminação e a violência contra as mulheres a partir da arte” (SESC/MA); o minicurso “Problematizando gênero e violência a partir da arte” (V Simpósio sobre Diversidades – IFPR); o minicurso “Reflexões sobre gênero e violência a partir das artes visuais” (XIII Seminário de Educação – UNIR); e o minicurso “Problematizando gênero a partir da arte” (II Conexão ComCiência – UECE).

Uma vez que a arte atravessa diversas conjunturas nas quais a hierarquização dos homens sobre as mulheres é sancionada socialmente, muitas vezes ela reforça esse pensamento, normalizando e legitimando os comportamentos dele decorrentes. No entanto, também se notam dentro do campo da arte – especialmente a partir da segunda metade do século XX – movimentos em sentido oposto, que propõem caminhos para refletir sobre as questões de gênero.

A fim de explorar a arte como recurso para problematizar o gênero e as discriminações e violências que de sua normatização decorrem nas ações educativas que delineamos e executamos, decidimos abordar questões que perpassam a construção e a interpretação tanto de obras de arte quanto das próprias narrativas do campo artístico. As reflexões propostas foram embasadas em uma perspectiva que considera as diferenças tanto nas formas de representar mulheres, homens e as relações entre ambos quanto na atribuição de espaços e possibilidades dentro do sistema da arte com base no gênero.

Apresentamos abaixo os objetivos e a metodologia que guiaram a execução das ações formativas, a fim de demonstrar de que modos elas podem ser multiplicadas por docentes e ativistas com interesse em abordar essa temática, adaptando os procedimentos aqui elencados aos seus contextos de atuação. Consideramos que a construção de espaços que possibilitem reflexões a respeito dessas questões contribui sobremaneira para estimular a problematização e o repúdio dos indivíduos frente à assimetria entre os gêneros, de modo a contribuir para a urgente erradicação das discriminações e violências que dela culminam.

O objetivo geral das ações desenvolvidas foi promover, a partir da instrumentalização teórica e prática da arte, uma postura problematizadora acerca das relações de gênero, a fim de incentivar o repúdio e o combate a estereótipos, assimetrias, discriminações e violências contra mulheres. Foram seis os objetivos específicos delineados para a execução das atividades, os quais embasaram os procedimentos adotados em cada um dos segmentos das ações: (i) perceber as construções de gênero na arte, evidenciando a (re)produção binária de ideias concernentes à “feminilidade” e à “masculinidade”; (ii) debater, sob uma perspectiva histórica, as discriminações embasadas no gênero e suas implicações, a partir da discussão sobre o sistema artístico; (iii) discutir sobre as violências contra mulheres através da mediação de obras de arte que as representam; (iv) problematizar as obras e carreiras de homens artistas a partir de relatos de violências por eles praticadas contra mulheres; (v) apresentar, no contexto da arte, a existência de questionamentos aos estereótipos e de enfrentamento às discriminações e violências embasados no gênero; (vi) estimular a criticidade e a criatividade, através da proposição da produção de imagens que problematizem as questões de gênero discutidas no(s) encontro(s).

No início das ações educativas, propusemos um momento de discussão teórica<sup>4</sup>,

---

4 A fundamentação teórica utilizada para a abordagem dessas temáticas é apresentada e discutida em Santos Junior (2021). Entretanto, é importante destacar que algumas das referências utilizadas foram publicadas antes de importantes avanços nas discussões sobre gênero, demandando uma leitura crítica, a fim de tornar possível o reconhecimento de seu potencial e seu aproveitamento sem que sejam ignoradas as tensões e novas perspectivas

a fim de reconhecer e refletir sobre as construções e desconstruções de gênero na arte.

Inicialmente, abordamos os estereótipos (re)produzidos pelas representações artísticas, bem como as assimetrias entre homens e mulheres dentro do sistema artístico. Mayayo (2003, p. 21, grifo da autora, tradução nossa) aponta “a hipervisibilidade das mulheres como objeto da representação e sua invisibilidade persistente como sujeita criadora”. Logo, a arte contribuiu ativamente tanto para a objetificação das mulheres quanto para seu silenciamento, enquanto, por outro lado, atribuiu aos homens poder, tanto dentro quanto fora da esfera das representações. Mas o campo artístico é também uma arena de disputas, dentro do qual as mulheres resistem e reivindicam o “direito a olhar” (MIRZOEFF, 2016), de forma insubmissa aos regimes de produção, exposição e comercialização que buscaram excluí-las.

Também problematizamos as obras de arte que representam violências contra mulheres e os casos de agressões dessa natureza cometidos por artistas masculinos. Para isso, utilizamos imagens que representam desde “raptos” (como “O rapto da negra”, de Christiaen van Couwenbergh e “O rapto das sabinas”, de Nicolas Poussin) a assassinatos (como “A Morte de Sardanápalo”, de Eugène Delacroix e “Perseu com a cabeça de Medusa”, de Antonio Canova) de mulheres cometidos por homens, bem como relatos biográficos que expõem as violências de gênero cometidas por artistas como Pablo Picasso (HUFFINGTON, 1988; GILOT; LAKE, 1964) e Salvador Dalí (DALÍ, 1942; WHITE, 2019).

Em seguida, apresentamos estratégias que artistas – sobretudo mulheres e feministas – utilizam em suas obras para denunciar discriminações e violências embasados no gênero, bem como as repercussões dessas reivindicações por respeito, equidade e justiça tanto no sistema artístico quanto na sociedade como um todo. Nesse segmento, discutimos obras de artistas como Elidayana Alexandrino (Fig. 1), Rosana Paulino, Barbara Kruger, Cindy Sherman, Elina Chauvet e Nan Goldin, bem como dos coletivos Mujeres Creando e Guerrilla Girls.

---

sobre o tema que emergiram desde então, as quais podem aprofundar, questionar ou contradizer tanto as ideias quanto a própria linguagem utilizada nesses textos. A leitura de textos recentes, produzidos tanto dentro quanto fora do campo da arte, é fundamental para que se possa estar a par das novas perspectivas e discussões a respeito do conceito de gênero e dos modos de com operar ele. É relevante destacar que importantes trabalhos sobre esses temas vêm sendo produzidos e publicados no contexto nacional ao longo das últimas décadas, os quais podem constituir bases sólidas para a proposição de reflexões sobre arte e gênero.



Fig. 1: Elidayana Alexandrino, Sem título (2021). Colagem digital que integra o projeto Narrativas que se encontram. Fonte: Instagram (@narrativas\_que\_se\_encontram).

A adoção de uma perspectiva feminista na discussão sobre a arte é inspirada e influenciada pelas palavras de Nochlin (2019, p. 74): “O feminismo não indaga apenas sobre a posição das mulheres na sociedade; parece-me que ele também leva a um questionamento ideológico básico de muitos outros pressupostos que aceitamos como normais numa determinada cultura ou sociedade”. Assim, pretendemos desestabilizar a normalização e a legitimação da construção binária que aparta e hierarquiza gêneros, fomentando violências não apenas contra as mulheres, mas também contra todas as pessoas cujas identidades de gênero e orientações sexuais não aderem às normas sancionadas socialmente. Reconhecendo que “a violência começa, com frequência, pela instalação de dispositivos aparentemente ‘neutros’ e ‘inocentes’” (DIDI-HUBERMAN, 2018, p. 104), problematizar como artefatos que podem parecer inofensivos mas se constituem como poderosas “tecnologias de gênero” (DE LAURETIS, 2019), (re)produzem normas que legitimam determinadas existências em detrimento de outras, evidencia a necessidade de tomar uma posição, eminentemente política, frente à arte, às suas imagens, à sua história e às práticas que têm lugar em seu sistema.

O momento final das ações educativas foi conduzido a partir da proposição de uma atividade, que consistia na produção de imagens por meio das quais quem participou do(s) encontro(s) pudesse se apropriar dos temas abordados, utilizando a arte como forma de expressão e resistência. As produções de participantes foram discutidas coletivamente em rodas de conversa, nas quais as imagens, os relatos e as discussões emergentes a partir deles eram mediadas visando o aprofundamento das temáticas abordadas. As imagens produzidas por participantes foram incorporadas em uma galeria virtual de construção coletiva e acesso público, intitulada “Problematizando Gênero” (Fig. 2), mediante autorização prévia.

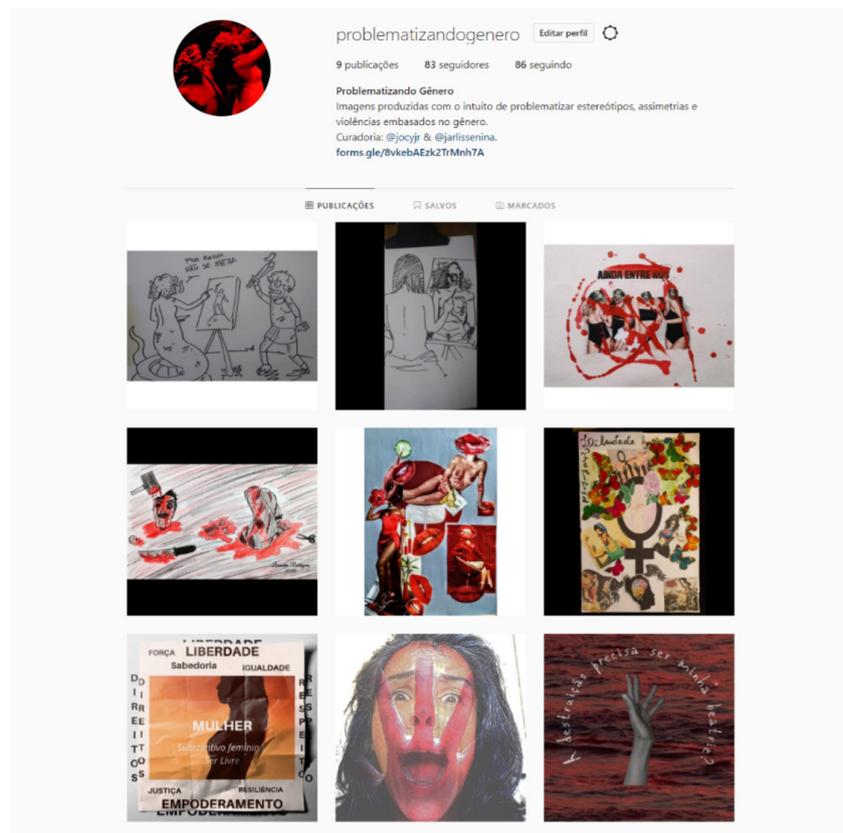


Fig. 2: Galeria virtual “Problematizando Gênero”<sup>5</sup>. Captura de tela do perfil da galeria em rede social. Fonte: Instagram (@problematizandogenero).

## UM BREVE RELATO DE EXPERIÊNCIAS

O distanciamento social imposto pela pandemia de Covid-19 potencializou o sofrimento de mulheres vitimadas por violências que ocorrem, sobretudo, no ambiente doméstico<sup>6</sup>. No contexto do isolamento social decorrente da pandemia, teve lugar um vertiginoso aumento dos casos de violências contra mulheres<sup>7</sup>. As ações discutidas nesse relato foram desenvolvidas com a intenção de mobilizar esforços, a partir de nossas áreas de atuação, a arte e a educação, para contribuir com o enfrentamento a esse cenário estarrecedor.

A partir dos relatos de participantes, ficou evidente que essa temática era

5 As imagens que constam na captura de tela foram produzidas por Janilson Miranda (1 e 2), Julliany Oliveira (3), Lissandra Rodrigues (4), Sheydson Reis (5), Débora Duarte (6), Leone Penha (7), Amaranta (8) e Joyce Barbosa (9).

6 Conforme explica Silva (2020, p. 37), a casa “para muitas mulheres não é sinônimo de proteção, mas de violência. No entanto, em razão da pandemia promovida pela COVID-19, o Brasil encontra-se em isolamento social, a população está em quarentena, presas em suas casas, tornam-se presas dos seus conhecidos. Neste momento, o lar se constitui enquanto paradoxo de existência para algumas, se na rua pode morrer de corona, em casa morre por existir”.

7 No Brasil, foi registrado aumento de cerca de 50% dos casos de violência contra as mulheres durante o período da quarentena (BEZERRA et al., 2021). Um detalhamento dos números desse tipo de violência durante a pandemia pode ser encontrado em Bohnenberger, Bueno e Sobral (2021).

considerada urgente, especialmente dentro do contexto descrito. Entretanto, muitas vezes sentimos que estávamos “pregando às pessoas convertidas”. Desse modo, há de se pensar formas de difundir esse tipo de discussão, a fim de alcançar e engajar outros públicos, que não tenham muito contato com discussões sobre gênero. Cumpre-se ressaltar que o apoio dos setores público e privado, recomendado nos documentos legais discutidos na abertura desse texto, ainda que esteja escasso no cenário atual, pode contribuir sobremaneira para a difusão de trabalhos dessa natureza.

Frente às imagens problematizadas, foi comum que a audiência manifestasse uma sensação de espanto generalizado. As novas lentes propostas na análise das obras culminavam em uma experiência política da arte, que se confrontava com o modo anestesiado pelo qual ela muitas vezes é contemplada. Abundaram relatos que evidenciam uma mudança de postura diante da arte após o contato com as reflexões propostas. Exemplo disso é a fala de uma participante: “Tenho certeza de que a forma como olho para as obras de arte, e mesmo alguns artistas, não será a mesma”. Em se tratando das obras, muitas das imagens que selecionamos são “lugar-comum” na discussão sobre arte em ambientes educativos ou mesmo no contexto midiático, a exemplo das esculturas “Apolo e Dafne” e “O Rapto de Prosérpina”, ambas produzidas pelo artista Gianlorenzo Bernini<sup>8</sup>. Disso, depreendemos que, possivelmente, o que surpreendia – e, por vezes, indignava – quem participava das ações não eram as imagens em si, mas o estranhamento que se impôs a partir do convite a problematizar um modo de ver conivente com as discriminações e violências de gênero construído socialmente. No caso das esculturas de Bernini, onde antes viam duas obras primas da arte barroca, revestidas de uma aura que demanda reverência pelos discursos da e sobre a arte, agora observavam homens perseguindo mulheres, as assediando, as tomando contra suas vontades. Para além das imagens, há também a questão dos artistas. As pessoas que participavam das formações conheciam muitos dos nomes abordados. São os homens em torno dos quais foi escrita a história da arte canônica, cujas obras são enaltecidas nas aulas, nos livros e nos museus de arte. No entanto, era comum que desconhecêssem os abusos e violências por eles praticados, o que causava assombro e indignação. Essa desestabilização do olhar frente à arte e aos artistas, que se tornava perceptível através manifestações de repúdio às discriminações e violências contra mulheres representadas e reais, demonstra que os objetivos das ações estavam sendo alcançados, uma vez que as pessoas não apenas aprendiam sobre esses atos, mas tomavam posição diante deles.

Costumeiramente as pessoas que participavam das ações indicavam a existência de discriminações e violências contra mulheres também em outras formas artísticas que não eram por nós abordadas (como a música, a dança, o teatro e o cinema), ou mesmo em outras áreas com as quais tinham maior familiaridade, como a literatura, a história e a filosofia, por exemplo. Dessa forma, o debate foi enriquecido sobremaneira pelas manifestações de participantes, que evidenciavam como os efeitos da normatividade do gênero, que confinava (e ainda confina) mulheres a determinados estereótipos, papéis e espaços, estão espalhados por diversas áreas, contribuindo para a percepção

---

8 Para uma discussão sobre essas obras considerando a questão da violência de gênero, ver Santos Junior (2019).

do porquê é urgente envidar esforços para problematizá-la e desconstruí-la.

Diversas questões importantes emergiram nas falas de participantes, como discussões sobre assédio, estupro e feminicídio, por vezes relacionadas a casos em destaque na mídia (que – infelizmente – abundam). Também houve ocasiões em que os relatos de participantes eram feitos a partir de suas próprias vivências, demonstrando que as imagens, os discursos e as situações abordados podem despertar “gatilhos”. Por isso, é necessária cautela e sensibilidade na condução de discussões dessa natureza, uma vez que as imagens e histórias discutidas podem trazer à tona memórias dolorosas.

Na execução de duas das oficinas que propusemos, fomos surpreendidos com a “invasão” virtual das salas de videoconferências destinadas aos encontros. Essa prática, que se tornou comum com a virtualização das atividades acadêmicas que teve lugar no contexto da pandemia, visa cercear a discussão sobre temáticas que setores reacionários da população consideram “perigosas”. Desse modo, o controle das salas nessas ocasiões foi perdido, ocasionando a criação de novos links – os quais foram distribuídos de maneira bastante restrita, dificultando o alcance das pessoas à ação, que foram bastante esvaziadas em decorrência disso. Acreditamos que essas experiências servem para ilustrar como, ainda que seja um contexto social, cultural e político que impõe desafios às discussões sobre gênero – ou melhor, justamente por isso –, precisamos resistir e seguir concebendo estratégias que visem desconstruir estereótipos e, por conseguinte, as violências que deles culminam, uma vez que, como bem nos lembra a obra de Barbara Kruger<sup>9</sup>, “toda violência é ilustração de um estereótipo patético”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A subalternização das mulheres, a coisificação de seus corpos, a invisibilização de seus trabalhos e as violências de gênero permeiam a história ocidental. “Se está em todas as áreas da sociedade, por que não estaria presente na arte também?”, pergunta uma participante de uma das ações educativas que desenvolvemos. Justamente por isso, é importante, dentro de nosso contexto de atuação, pensarmos em formas pelas quais a arte pode contribuir no enfrentamento às hierarquias decorrentes da normatividade do gênero, as quais fomentam discriminações e violências.

A estratégia pela qual optamos foi problematizar os discursos produzidos através de imagens, textos e histórias do campo artístico, que por séculos privilegiou o olhar masculino e o apelo estético das obras, em detrimento das problemáticas sociais que atravessam esse campo na teoria e na prática. Por outro lado, buscamos também inspiração na crítica e na prática artística de mulheres e/ou feministas, que expõem e promovem discussões a respeito dessas questões, provocando abalos nas crenças

---

<sup>9</sup> Em referência à instalação *Untitled (All violence is the illustration of a pathetic stereotype)*, realizada pela artista em 1991, na Mary Boone Gallery, Nova York.

basilares do sistema da arte e da cultura patriarcal. Diante do exposto, acreditamos que a arte pode servir como um recurso potencializador da reflexão a respeito das construções e desconstruções do gênero.

As ações educativas discutidas nesse relato trouxeram valiosas contribuições para o nosso estudo a respeito do atravessamento das questões de gênero na arte, ampliando o campo das problematizações possíveis e demonstrando a necessidade de propor espaços nos quais essas questões sejam discutidas. Consideramos que as experiências nas aulas, palestras, minicursos e oficinas que desenvolvemos se mostraram bastante significativas também para o público, haja vista as interações de participantes, que demonstraram o alcance do objetivo de estimular o pensamento crítico sobre as questões de gênero, especialmente em um cenário que revela a urgência da problematização das discriminações e violências que vitimam as mulheres. Acreditamos que abordagens como essa precisam ser propostas em variados contextos educativos, ainda que setores reacionários da sociedade brasileira atuem em diversas frentes na tentativa de silenciá-las, a fim de estimular a problematização não só da arte, mas também do cotidiano.

## REFERÊNCIAS

BEZERRA, Catarina F. et al. Violência contra a mulher, pandemia da Covid-19 e isolamento social no Brasil. In: SENHORAS, Elói M.; SENHORAS, Cândida A. **Violência de gênero e a pandemia de Covid-19**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020. (Comunicação e Políticas Públicas, v. 81). p. 17-31.

BRASIL. Decreto nº 89.460, de 20 de março de 1984. Promulga a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher, 1979. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 122, n. 56, p. 4018-4023, 21 mar. 1984.

BRASIL. Decreto nº 1.973, de 1 de agosto de 1996. Promulga a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, concluída em Belém do Pará, em 9 de junho de 1994. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 134, n. 149, p. 14471-14472, 2 ago. 1996.

BRASIL. Decreto nº 4.377, de 13 de setembro de 2002. Promulga a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher, de 1979, e revoga o Decreto nº 89.460, de 20 de março de 1984. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 139, n. 179, p. 4, 16 set. 2002.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres

e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 143, n. 151, p. 1-4, 8 ago. 2006.

BOHNENBERGER, Marina; BUENO, Samira; SOBRAL, Isabela. A violência contra meninas e mulheres no ano pandêmico. In: ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, v. 15, 2021. p. 93-109.

DALÍ, Salvador. **The secret life of Salvador Dalí**. New York: Dial Press, 1942.

DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 121-155.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Remontagens do tempo sofrido**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. (O olho da história, v. 2).

DIVINSKAYA, Anastasia. Una-se pelo fim da violência contra as mulheres: todas e todos temos um papel a desempenhar. **El País Brasil**, São Paulo, 25 nov. 2021. Disponível em <https://brasil.elpais.com/opiniao/2021-11-25/una-se-pelo-fim-da-violencia-contra-as-mulheres-todas-e-todos-temos-um-papel-a-desempenhar.html>. Acesso em 25 nov. 2021.

GILLOT, Françoise; LAKE, Carlton. **Life with Picasso**. New York: McGraw-Hill, 1964.

HUFFINGTON, Arianna S. **Picasso**: criador e destruidor. São Paulo: Best Seller, 1988.

MAYAYO, Patricia. **Historias de mujeres, historias del arte**. Madrid: Cátedra, 2003. (Ensayos Arte Cátedra).

MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. **Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 18, n. 4, p. 745-768, nov. 2016.

NOCHLIN, Linda. Como o feminismo nas artes pode implementar a mudança cultural? In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (org.). **História das mulheres, histórias feministas**: antologia. São Paulo: MASP, 2019. v. 2, p. 72-81.

SANTOS JUNIOR, Jocy M. Gritos silenciados: violência contra a mulher na obra de Gianlorenzo Bernini. In: SUING, Abel et al. (org.). **Narrativas Imagéticas**. Aveiro: Ria Editorial, 2019. p. 276-298.

SANTOS JUNIOR, Jocy M. **Discutindo questões de gênero em contextos educativos a partir da arte: estereótipos, violências e resistências**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Arte, Mídia e Educação) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, São Luís, 2021.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloísa B.

(org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 49-80.

SILVA, Maynara C. Necrobiopoder: qual o corpo legível a cuidados na pandemia da Covid-19? In: SENHORAS, Elói M.; SENHORAS, Cândida A. **Violência de gênero e a pandemia de Covid-19**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020. (Comunicação e Políticas Públicas, v. 81). p. 35-49.

WHITE, Katie. 21 facts about Salvador Dalí. **Sotheby's**, New York, 27 fev. 2019. Disponível em: <https://www.sothebys.com/en/articles/21-facts-about-salvador-dali>. Acesso em: 23 ago. 2021.

**Submissão: 07/11/21**  
**Aprovação: 30/11/21**